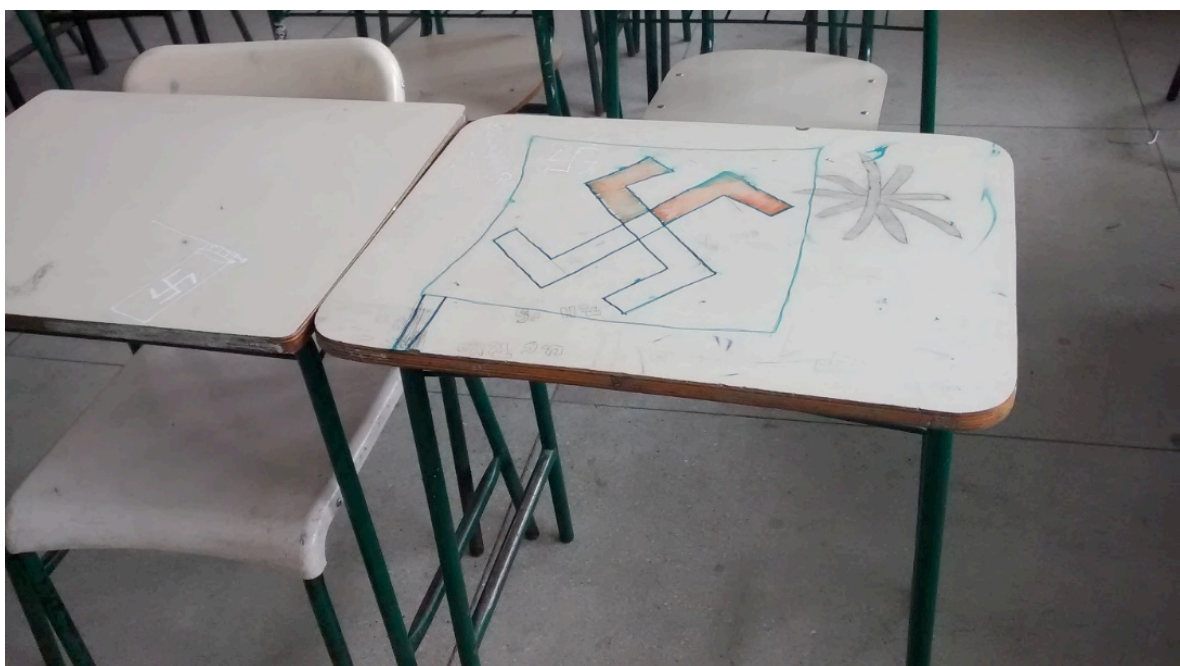
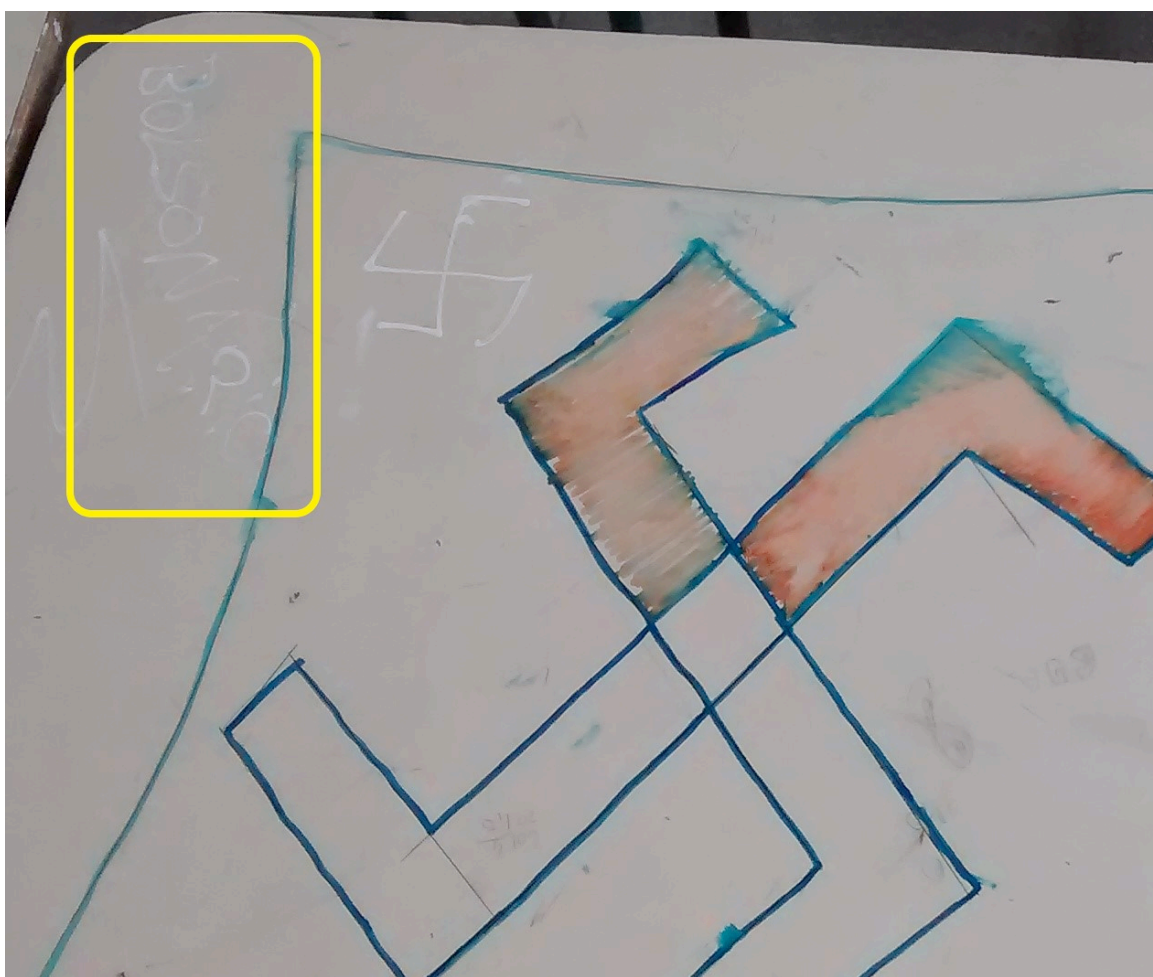
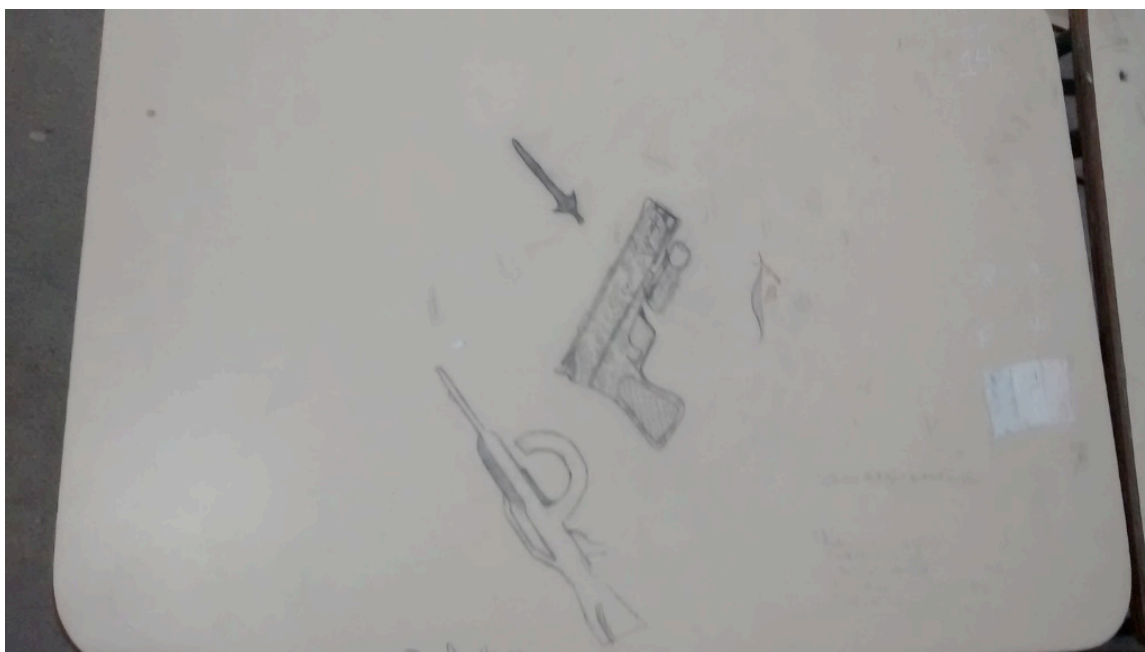


Paulo Freire: consciência crítica e transformação social

Discursos conservadores, que intencionam impedir mudanças na ordem social ou melhorias significativas para as classes trabalhadoras, ou para grupos minoritários (SEPULVEDA; SEPULVEDA, 2016, p.81), se fortalecem no Brasil. Imersos em uma realidade opressora, muitos são os que não se percebem oprimidos e ainda advogam a favor desses discursos e suas práticas. Nesse contexto, a educação está em constante disputa por sua potência de transformação social, entre os que ameaçam a democracia e pregam uma educação bancária e aqueles que querem defendê-la e acreditam em uma pedagogia crítica.

Em uma escola da rede estadual de Niterói, município do Rio de Janeiro, situada em uma comunidade, encontra-se suásticas e armas desenhada, além do nome de um presidenciável nas carteiras da turma do terceiro ano do Ensino Médio, às vésperas da eleição para Presidente da República em 2018.





O símbolo nazista da suástica, as armas e o nome de Bolsonaro desenhados nas carteiras da escola nos remetem a pautas defendidas por grupos políticos conservadores do Brasil. Como exemplos dessas

bandeiras, nós podemos considerar: a redução da maioridade penal para 16 anos, contrariando os direitos dos jovens previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990); a liberação do porte de armas, incentivando os cidadãos a assumirem para si o papel da segurança pública que deveria ser do Estado e incitando a violência, principalmente contra aqueles que são estigmatizados como perigosos - jovens negros e moradores de comunidades -; e a violação dos direitos humanos pelo não reconhecimento dos direitos das mulheres e da população LGBTQI+, ao negarem qualquer menção a gênero e sexualidade nas escolas, compactuando, por omissão, com demonstrações de ódio, preconceito e violência.

Paulo Freire (2017, p.46) explica que os oprimidos podem introjetar “a ‘sombra’ dos opressores” e seguir suas pautas, mas ao mesmo tempo nos fala da possibilidade de ruptura dessa lógica por uma pedagogia crítica que, junto com os educandos, construa saberes que permitam a libertação de uma condição de opressão.

As ideias de Paulo Freire têm sofrido ataques de conservadores. Lemos a faixa “Basta de Paulo Freire” nas manifestações favoráveis ao impeachment da presidenta Dilma Rousseff e o plano de governo para presidência do candidato Jair Bolsonaro, em 2018, planeja modernizar a alfabetização “expurgando a ideologia de Paulo Freire”. Isso porque

o opressor sabe muito bem que esta “inserção crítica” das massas oprimidas, na realidade opressora, em nada pode a ele interessar. O que lhe interessa, pelo contrário. É a permanência delas em seu estado de “imersão” em que, de modo geral, se encontram impotentes em face da realidade opressora, como “situação limite” que lhes parece intransponível (FREIRE, 2017, p. 54).

Precisamos de Paulo Freire e de pensadores que proponham uma escola pública que não seja mera “memorização mecânica do conteúdo narrado” (FREIRE, 2017, p. 80), mas que acredite em seus educandos como “capazes de pensar certo também” (FREIRE, 2017, p.73), e que, com eles, construa uma consciência crítica da realidade em que estão

inseridos e dos processos históricos, sociais, econômicos e culturais que a constroem. Uma escola pública que não tenha como foco principal a preparação para o mercado de trabalho de uma mão de obra barata, mas que construa bases sólidas para o exercício da cidadania e defesa da democracia.

Referências

SEPULVEDA, José Antonio; SEPULVEDA, Denize. **Conservadorismo e educação escolar: um exemplo de exclusão**. *Movimento Revista de Educação*, Niterói, RJ, ano 3, n. 5, p. 76-107, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. – 64 ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

Sobre a autora

Mestranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-FFP), com interesse em políticas públicas de educação, gênero e sexualidade. Graduada em Letras- Português/Inglês pela UERJ-FFP.